M. JORGE C. CASTELA

O EFEITO TRUMP E O BREXIT

As eleições americanas de 2016 e as eleições europeias em 2017

As Grandes Questões, Ameaças e Desafios do Mundo Contemporâneo

VidaEconómica

O EFEITO TRUMP E O BREXIT

As eleições americanas de 2016 e as eleições europeias em 2017

Algumas Glosas Marginais para reflexão livre sobre Questões, Ameaças e Desafios e que se colocam ao Mundo Contemporâneo:

Como é possível acontecer o que aconteceu e está a acontecer em Aleppo?

*

Como é possível que seja, no Ocidente, que se promova uma nova forma de Censura?

*

Os "idiotas úteis", os "Charlatães do *Jihadismo*", o "Marxismo Cultural" e o combate à Liberdade de Expressão.

*

As ameaças do Imperialismo Islâmico: Terrorismo, "Califado Mundial" e *Sharia* (perspectivas sobre a Imigração ilegal e a política sobre "refugiados") – os perigos de uma 3.ª Grande Guerra Mundial ou uma "Guerra de Civilizações"?

*

Portugal: da "caranguejola" à "geringonça" – as contradições de um sistema em contraciclo.

Índice

APRESENTAÇÃO, por André Ventura 7

PREFÁCIO 13

I. "Brexit": um ponto de viragem para a "União Europeia" 19

1. Do "Thatcherismo" ao "Brexit" 23

2. Porque venceu o "Brexit"? 29

3. O mapa eleitoral do "Brexit" 36

4. O desmoronar da "União Europeia": Itália, Holanda, França e Alemanha – a resposta dos eleitores face ao "Politburo de Bruxelas" (Nacionalismo vs. Europeísmo: as eleições europeias em 2017)..... 43

II. As Eleições Americanas de 2016 e os USA vistos da "Europa" 95

1. O mapa eleitoral dos USA 112

2. As propostas eleitorais de Donald J. Trump 121

2.1 Política Fiscal 129

2.2 O Investimento Público 134

2.3 Controlo de Fronteiras e combate à imigração ilegal 144

2.4 Política Externa – o "Isolacionismo" face às Administrações Reagan, Bush e Obama: 157

a) Proteccionismo versus Tratados de Comércio (NAFTA; T-TIP; ...)..... 161

b) O Acordo nuclear com o Irão 166

c) O Acordo com Cuba 169

d) O Combate ao Terrorismo 171

e) As Relações com a Rússia e com a China 180

f) A NATO 187

3. A Equipa da Administração Trump..... 192

4. O "Estado da Nação" – tomada de posse (20 de Janeiro de 2017) 200

III. Algumas Glosas Marginais (breves, soltas e finais) em mote para reflexões livres (sobre Questões, Desafios e Ameaças que se colocam ao Mundo Contemporâneo): 209

- Como é possível acontecer o que aconteceu e está a acontecer em Aleppo?..... 210
- Como é possível que seja, no Ocidente, que se promova uma nova forma de Censura? 214
- Qual o papel dos "idiotas úteis", dos "charlatães do Jihadismo" e dos seus mentores, no "Keynesianismo" e no chamado "Marxismo Cultural", no combate à Liberdade de Expressão?..... 220
- As ameaças do Imperialismo Islâmico: Terrorismo, "Califado Mundial" e Sharia (perspectivas sobre a Imigração ilegal e a política sobre "refugiados")..... 237
- Os perigos de uma 3ª Grande Guerra Mundial ou uma "Guerra de Civilizações"? 256
- Portugal: da "caranguejola" à "geringonça" – as contradições de um sistema político, económico e financeiro em contraciclo? 287

Apresentação, por André Ventura*

O tema não podia ser mais apelativo e atual: a turbulência política internacional causada por dois grandes acontecimentos que irão, certamente, marcar a primeira parte do século XXI. Falamos, claro, do *Brexit* e da vitória do magnata Donald Trump nas eleições presidenciais americanas de 8 de Novembro de 2016.

O mais apelativo neste livro que Jorge Castela nos apresenta não é, no entanto, o enquadramento ou a ligação óbvia entre estes dois tópicos fundamentais da nova ordem mundial. É a extraordinária criatividade e espírito crítico que imprime a cada passo do caminho que vai percorrendo, sem se vergar ao politicamente correto ou ao academicamente aconselhável. Uma pedrada no charco do pensamento dominante, numa altura em que os diversos populismos emergentes fazem verdadeiramente vacilar o mundo que habitamos.

Mais: este não é um livro polémico apenas para o ser. A controvérsia surge naturalmente, emana das palavras e do pensamento do autor, sempre extraordinariamente bem fundamentado e sem medo de trazer para a mesa as ligações e as implicações que se exigem, por mais dificuldades que provoquem ao seu fio condutor. Castela não tem medo de voltar atrás no seu raciocínio e isso, aliás, acontece pontualmente ao longo do livro, revelando as marcas de um investigador sério, coerente e independente.

"*O efeito Trump e o Brexit*" não deixará indiferente o panorama do pensamento político e social em Portugal. Por duas razões fundamentais:

---

* André Claro Amaral Ventura é Licenciado em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade Nova de Lisboa e Doutorado em Direito Público pela National University of Ireland, Cork, com a tese "*Towards a New Model of Criminal Justice System in the Era of Globalised Criminality*". Diretor-Adjunto do Instituto de Direito Público e da "*Revista do Direito de Língua Portuguesa*", Secretário Executivo do Instituto de Direito e Segurança, e Professor Auxiliar da Universidade Autónoma de Lisboa, Professor Convidado da Faculdade de Direito da Universidade Nova de Lisboa e da Faculdade de Direito da Universidade Agostinho Neto, Angola, e Professor Visitante do Instituto Superior de Estudos Militares (ISEM). Consultor Jurídico e Investigador Associado do *Centre for Criminal Justice and Human Rights (CCJHR)*, na Universidade de Cork, sendo, presentemente, ainda articulista no Jornal "*Correio da Manhã*" e comentador residente na CMTV. Autor, entre outras obras, de "*Justiça, corrupção e jornalismo: os desafios do nosso tempo*" (em coautoria com Miguel Fernandes), editado pela Vida Económica, em 2015.

– por um lado, porque traz à colação temas prementes e incontornáveis da Europa dos nossos dias, desde o enredo do terrorismo fundamentalista ao futuro da NATO, com detalhe e uma profundidade de análise que representarão, estou seguro, um enorme contributo para pensarmos o futuro deste Continente;

– por outro lado, ao analisar com um enorme sentido crítico – e um interesse notável pela verdade – a ascensão e vitória de Donald Trump, Castela está a colocar em cima da mesa uma panóplia significativa de assuntos com os quais os europeus terão de lidar num futuro próximo: os populismos, os extremismos políticos, o crescente isolacionismo, etc.

Há um ponto particularmente fascinante neste livro e na forma como o autor o apresenta ao público, sempre assente em números e factos que atestam a natureza científica e incontornável de muitas das posições controversas assumidas. Refiro-me, em especial, ao problema dos migrantes, quer nos Estados Unidos, quer na Europa.

Num mundo crescentemente afetado pelo fenómeno do terrorismo de massas – cada vez mais violento e disperso – e por concorrência económica desequilibrada entre países e blocos, era expectável que proliferassem correntes anti-imigração e partidos políticos a apelar, emocionalmente, a um cerrar de fileira, uma espécie de Europa-fortaleza. Jorge Castela não foge à questão e consegue mesmo, a dada altura, analisá-la desapaixonadamente, expondo a dramática redução demográfica que afetaria a Europa num cenário de expulsão de migrantes e encerramento total de fronteiras.

A questão, no entanto, tem também uma dimensão histórico-cultural, muito para além da mera perspetiva política, económica ou demográfica. Será a mesma Europa se, algures em cinquenta ou cem anos, for ocupada por uma maioria de cidadãos que pratiquem a religião islâmica? Ou se as cidades mais populosas forem habitadas maioritariamente por indivíduos oriundos do Norte de África ou do Médio Oriente? Qual a reação dos cidadãos face a estas mudanças estruturais no próprio tecido social, religioso e cultural do Velho Continente?

Este é, talvez, o gigantesco contributo da obra de Jorge Castela para o debate político e académico atual: não só apresenta os diversos contextos que se desenvolvem – por exemplo, a relação recente entre os EUA e o Irão – a uma velocidade vertiginosa como deixa no ar perguntas que nem sequer imaginávamos e que, afinal, serão decisivas para o nosso futuro coletivo.

Não tenho a certeza – nem me cabe formular esse juízo – se o autor está ou não certo quanto às respostas que nos apresenta, muitas delas numa linha livre de pensamento não isenta de crítica ou controvérsia. Mas tenho a certeza absoluta que, com este livro, Jorge Castela consegue um feito notável: vai ao âmago de assuntos extraordinariamente complexos de forma límpida e assertiva.

Um verdadeiro tratado sobre o mundo em que vivemos e que será recordado, analisado, assimilado e discutido por muitos e muitos anos.

André Ventura

Aos meus "mais que tudo", Catarina, Artur e Mariana, para sua crítica memória futura e para nunca esquecerem o Pai que os guarda, sempre, no Coração.

À Liliane, pela sua paciência, inteligência e tempo, que, entre 8 de Dezembro de 2016 e 28 de Janeiro de 2017, asseguraram o indispensável apoio ao "morcego", nestas sucessivas, longas e frias madrugadas de escrita... AJAM.

Ao meu Amigo e Colega Joaquim Gomes Pedro, pela sua inspiração, sugestões e críticas, ao questionar cada uma das posições e opiniões aqui sustentadas e pelas tentativas de amenizar as minhas "provocações e gongorismos literários".

E, por fim, mas não em último,

Ao André Ventura, meu Colega de Curso na FD-UNL e Amigo, pela Coragem em apresentar este livro, um livre-pensador, Professor de Direito, articulista e comentador televisivo, que admiro pela frontalidade com que sustenta as suas posições e me honrou em tecer as considerações que antecedem.

EXÓRDIO – "Epítetos, anátemas, chavões e acrónimos" (breves considerações etimológicas a propósito de "fobias" e "ismos" nas referências ao Islamismo, a muçulmanos e aos chamados "refugiados" no puritanismo das novas ditaduras "politicamente correctas", porque as "*mentes são como os pára-quedas, só funcionam se bem abertas*"):

"Xenofobia" – medo (fobia, aversão, preconceito, ódio) do desconhecido ou do que é estranho (estrangeiro). Não se pode ter "medo", "fobia", do que se conhece e, em causa, no que, por exemplo, concerne aos chamados "refugiados", é já consabido (e não estranho) que, na sua esmagadora maioria, são muçulmanos e, entre si, um ínfimo número de mulheres e crianças e... não "sírios" – que são, supostamente, as suas "vítimas" –, em consequência de uma "*Hijrah*" que, como processo, com Coragem e contra o "*status quo*", importa desmistificar, enfrentar e combater.

"*Islamofobia*" – medo (fobia), sentimento de ódio ou de repúdio em relação aos muçulmanos e ao Islamismo. Não se trata de "medo" ou "ódio" em relação a muçulmanos (ou a árabes, que tanto poderão ser muçulmanos como cristãos, ortodoxos, maronitas, alauitas ou mandeístas, drusos ou judeus), porquanto em causa está um combate a uma ideologia, de matriz política e religiosa, com uma componente militar, que se alicerça num sistema jurídico (a "*Sharia*") e numa ambição imperialista (o "Califado mundial") que, hoje, constituem a maior ameaça à Paz no Mundo.

"Racismo" – os "muçulmanos" não são uma "raça" – professam uma religião: o Islão... É sabido e reconhecido que existem muçulmanos de todas as raças e dos mais diversos fenótipos: asiáticas, africanas e caucasianas (muitos assumidamente "arianos" e seguidores do nazismo) e existem, no seu seio, muitos que são pessoas pacíficas, como muitos são, assumidamente, defensores e observantes da "*Sharia*" e "*nazi-jihadistas*".

"Populismo" – nos dias que correm, é um estigma lançado sobre posições ou críticas à evidente degradação do sistema político vigente e a toda e qualquer contestação à, essa sim, "populista" deriva antidemocrática que manifesta receios seja a referendos, seja a eleições, em que haja risco de vencer quem se opõe aos poderes instalados.

"Europa" (e **"União Europeia"**), entre "aspas", porque é um arquétipo ficcional que, hoje, não corresponde nem à "Europa continental" nem à Europa das Luzes, da História e da Cultura, nem sequer à Europa dos fundadores da CEE, mas o retrato fiel de uma cabal desunião entre todos os (ainda) 28 países que a (des)integram.
Notas adicionais para a inteligibilidade das reflexões contidas neste livro: "**ultraneoliberalismo**" é um acrónimo grotesco e sem qualquer sentido! Ser "**Nacionalista**" não é "pecado"! Ser um "**livre-pensador**"... não é "crime"!

Prefácio

Nos dias que correm, neste quotidiano complexo e novo para o *establishment* "politicamente correcto", europeísta e anti-americano que se impôs aos povos europeus e norte-americano, tudo e todos que lhe resistem ou é de "extrema-direita" ou "ultranacionalista", ou "ultraneoliberal", ou "populista", ou "xenófobo, fascista e racista", ou todos estes clichés e anátemas em simultâneo, sem a Coragem de responderem, frontalmente, a oportunas questões que, entre várias outras, mais adiante se formulam e para as quais se alvitram respostas que não dão: "Porque é que os britânicos optaram pelo Brexit?"; "Porque é que Trump foi eleito Presidente dos USA?"; *"Porque é que a Europa se encontra à beira do colapso?"; "Como é possível e porque continuam a ocorrer atentados terroristas como o de 19 de Dezembro, em Berlim?"; "Como é possível acontecer o que aconteceu e está a acontecer em Aleppo?"*...

Está na moda, é simpático, é popular, é simples e reúne a quase unanimidade ser "*contra o Trump*", "*apontar culpas ao Bush e ao Reagan*", "*repudiar o Brexit*", ... mas não será este tipo de posições (uma espécie de "pensamento único" que hoje domina as "opiniões públicas", influenciadas por "idiotas úteis"), e a sua inconsequência, que lança mais um véu sobre o manto diáfano da fantasia de uma "fuga para a frente" sobre o que acontece na vida real das pessoas?

Nesta verdadeira e grotesca ditadura de um pensamento único politicamente correcto, eivada de censura, de dogmas, de mitos, de estereótipos, de preconceitos e de um inaudito e "*hollywoodesco*" proselitismo, que quer os *media mainstream* quer os "radicais-chiques" fazedores de opinião – invariavelmente deserdados dos paradigmas que dominaram a propaganda gizada na ex-URSS e, entretanto, convertidos à ortodoxia keynesiana e às políticas intervencionistas e despesistas de Estados fortemente endividados por sua exclusiva responsabilidade –, quer os políticos que corporizam os seus interesses, instalados num Poder indiferente aos anseios e expectativas do cidadão comum, apontam, afinal, aos eleitores-contribuintes a "culpa" de, em eleições livres e democráticas, optarem, legitimamente, por renegá-los e pretenderem substituí-los.

Os eleitores, sem embargo cumprirem as suas obrigações cívicas fiscais e de se sujeitarem a ver esbulhados os seus rendimentos, por não se submeterem à disciplina de voto que lhes é ditada por tais elites "bem-pensantes" – plenas de soberba e de uma "superioridade", "intelectual e moral" reveladoras de um espírito profundamente antidemocrático –, acabam por acartar os referidos e absurdos epítetos. Ao contrário dos "cosmopolitas", "ilustrados", "citadinos", "inteligentes" e "modernos", que votam, cegamente, nos candidatos do sistema dos interesses instalados (sejam os "eurocratas" do "*Politburo* de Bruxelas" ou os aparelhistas dos *lobbies* que dominam Washington, Berlim ou Paris), todos os que escapam a este cerco mediático são, invariavelmente, catalogados como "labregos", "suburbanos", "incultos", "velhos", "nacionalistas", "retrógrados", "homofóbicos", "racistas", "xenófobos", ... entre outros epítetos, preconceitos, estigmas e anátemas de idêntico jaez.

Enfim, "quase" pessoas, uma "massa" com características, no mínimo, muito "peculiares" e pejorativas: os "deploráveis" (citando Hillary Clinton), o "lixo branco" ("*white trash*", na impressiva expressão de Harper Lee no seu "*To Kill a Mockingbird*"), "machistas", "heterossexuais homofóbicos desesperados com a sua masculinidade", os "sem-dentes" que se "vestem mal", "não têm charme" (a caracterização da autoria do "socialista" François Hollande), marginalizados pelo "progresso", desempregados, "supersticiosos", "vítimas da globalização", enfim, todos os tais "fascistas, xenófobos e racistas, primitivos, trogloditas, inferiores": afinal, largas dezenas de milhões de eleitores que se "atreveram" a referendar o "Brexit" ou a votar em Trump e desmentir todas as sondagens, previsões e desejos "cientificamente" burilados contra si, propagados pelos "especialistas", "artistas" (cantores, actores, "comediantes", homossexuais, "famosos" e "finos", "fracturantes" apologistas do aborto, do "casamento *gay*" e da "adopção de crianças por homossexuais" e da complacência perante a ameaça do imperialismo islâmico), que acham "representar" e "influenciar" tal "povo".

Quem é que, contra tudo e contra todos, de facto, referendou o "Brexit" e votou em Trump?

Afinal, foi esse Povo, os "operários e camponeses", os "velhos", os "brancos pobres", as "classes trabalhadoras", os desempregados, as vítimas da asfixia fiscal... enfim, um eleitorado que faria as delícias mais apetecíveis de um qualquer dirigente de um qualquer "Partido Comunista", ou de um qualquer "Bloco de Esquerda"... os "pensadores radicais-chiques", ou lídimos arautos da chamada "esquerda caviar", que não resistem a recorrer ao clássico truque: inventar uma classe que

no país em causa represente, segundo eles, um estado primitivo da humanidade, e atribuir a essa classe toda a responsabilidade pelo resultado.

Uma pura e simples prepotência, arrogância e tiques onde se acentuam e se devolvem tendências, outrossim, "fascistas, xenófobas e racistas", que apostam aos "gaibéus" de Alves Redol – santificando "muçulmanos" (quase sempre apresentados como "moderados", mesmo que se rejam pela *Sharia*, reneguem qualquer integração e suportem, logística e/ou financeiramente, grupos terroristas de filiação política e ideológica islâmica), os ditos "refugiados" (apesar de poucos serem "sírios" e, menos ainda, mulheres e crianças, antes constituindo um exército de jovens em idade militar, integrando a "*Hijrah*" e suportados pelos generosos sistemas de "segurança social" do Ocidente, para viverem em ócio, sob o beneplácito do mito do "multiculturalismo" – ou do pretenso "enriquecimento" que "trazem" para as culturas que os acolhem – e ao serviço de um projecto político bélico imperialista) –, que passaram a estar no "lado errado da História": nenhum dito "analista", politólogo ou sociólogo *mainstream* os considera vítimas de uma qualquer "fobia" ou "ismo".

No fim do dia, as suas vidas não contam, pois são apenas o resultado da sua própria "ignorância" e "falta de consciência de classe"...

Mas, afinal, quem são os "idiotas úteis"? De quem é a responsabilidade e a "culpa"?

Não será de todos aqueles que usam o medo, a chantagem e a censura, manipulando "sondagens e previsões" sobre resultados eleitorais ou de referendos e, quando os votos finais lhes não agradam optam por denegrir as propostas e o próprio carácter dos eleitos, livre e democraticamente?

Não será dos que menosprezam, desvalorizam ou subestimam os "populistas" (só porque – em argumento bem "racista" – têm "cabelo louro e tez de cor laranja"), quando não "vencem os seus"? Os mesmos que agora "glorificam" ditadores sanguinários e financiadores do terrorismo internacional (Muammar Khaddafi, Saddam Hussein, Fidel Castro, entre outros...), que trucidaram, sem dó nem piedade, os seus concidadãos e dezenas de milhares de vítimas inocentes de ataques terroristas?

Não será dos que "apoiaram" as "Primaveras Árabes" e, depois, de forma absolutamente cobarde e irresponsável, abandonaram todos os que, sobretudo jovens e mulheres, anseiam pela Democracia e pela Liberdade e se manifestaram (desde 17 de Dezembro na Tunísia e que se estenderam, no espaço de dois meses, a todos

os 22 países da Liga Árabe), não só para depor ditadores nos seus países (Ben Ali, após 23 anos de ditadura, foi derrubado em 17 de Janeiro de 2011 e Mubarak, após 30 anos de "reinado" incontestado, a 11 de Fevereiro de 2011...), para reclamar poderem "*viver como se vive no Ocidente*"?

Não será dos que lançam ataques ao carácter (por serem "sexistas", ao proferirem ou praticarem, até na "Sala Oval", as mesmas boçalidades e actividades que, hipocritamente, usam ou executam em privado) dos escolhidos por esses povos, sem cuidarem de perceber que não apresentam nem soluções nem alternativas ao "*status quo*" que criaram?

Não será dos que afogam os contribuintes em verdadeiras operações de sangria fiscal a roçar o confisco, ao mesmo tempo que pregam sobre as "consequências" da "pobreza" e da "exclusão social" para justificarem os comportamentos de terroristas que não se "integram" nas sociedades que os acolhem e os subsidiam com benefícios e generosas prestações "sociais", quando tantos outros pobres e excluídos imigram e se integram, nas mesmas sociedades, sem terem que praticar atentados terroristas?

Não será dos que apoiam "programas eleitorais" de (e fazem eleger) candidatos que, antes, sempre, vilipendiaram? Os casos de Hillary Clinton (que tanto criticaram quando teve a lucidez e a coragem de apoiar a intervenção no Iraque), ou de François Fillon, em França (quando toda a chamada "esquerda" se unir, com a chamada "direita" e o chamado "centrão" no voto num candidato que é, assumidamente, conservador, "ultraneoliberal", opositor do "casamento *gay*", do aborto e da "adopção de crianças por *gays*", crítico das "políticas" sobre os ditos "refugiados", do despesismo keynesianista, do papel dos sindicatos e das absurdas "políticas ditas sociais" e "integracionistas"... e, malogradamente, um "europeísta"), ou da ora "glorificada multiculturalista" Angela Merkel, na Alemanha (a quem antes acusaram de todas as atrocidades possíveis, aquando da "asfixia austeritária e chantagem" imposta aos "*PIGS*"), são, de *per se*, paradigmáticos e reveladores de uma demagogia e de um populismo que manipulam apenas para protegerem os seus próprios obscuros interesses, contra os eleitos pelos "cretinos" contribuintes-eleitores que os questionam!

Este escrito tem em vista contribuir, singela e modestamente, para desconstruir estes mitos e dogmas, sem anátemas, estigmas ou "fobias", sem catalogar pessoas por raça, sem temer as "heresias religiosas" e as "ditaduras do pensamento politicamente correcto" que conduzem à marginalização dos livres-pensadores, que,

apesar da censura institucionalizada, não cedem a questionar a "saída do euro", o fim de uma ficção chamada "união europeia", que não estigmatizam a existência de referendos e eleições livres e democráticas e que não estereotipam os "incultos" eleitores que rejeitam o "*status quo*", a corrupção política política e do "*Não há alternativa*" (o célebre e inamovível inibidor "*There is No Alternative*" ou "*TINA*") – porquanto, ao contrário deste acrónimo, há, sempre, alternativa, a tudo e para todos os que têm a Coragem, a Ousadia e a Liberdade de pensar "fora da caixa"!

Assim aconteceu com o referendo que decidiu a saída do Reino Unido da "União Europeia", com o resultado das eleições presidenciais ocorridas nos USA, em 8 de Novembro de 2016, e se prevê ocorra ao longo de 2017, com as eleições que terão lugar na Holanda (em 15 de Março), em França (Presidenciais com uma 1ª volta a 23 de Abril e 2ª volta em 7 de Maio e Legislativas, em 11 e 18 de Junho de 2017) e na Alemanha (Eleições Federais, que ocorrerão numa data entre 27 de Agosto e 22 de Outubro de 2017), após os primeiros sinais que se extraem do referendo em Itália, realizado em 4 de Dezembro de 2016 (onde Matteo Renzi viu sufragado um rotundo "Não" às suas pretensões constitucionais – sinais por muitos encarados, também, como uma rejeição ao seu "europeísmo").

Matérias e reflexões que se desenvolverão nas páginas seguintes, para serem acompanhadas pelos leitores deste "opúsculo" (e nas Crónicas mensais publicadas no semanário VIDA ECONÓMICA desde 2000, que, como no livro "O Neoconservadorismo e a Economia da Oferta – «*NeoConservatism & Supply-Side Economics*» –: Teoria e Política" – Ed. Vida Económica, Porto, 2004 –, lhe servem de base), que não pretende ser um "oráculo", nem um trabalho estritamente académico, mas, apenas e tão-só, uma partilha de posições e opiniões assumidamente heterodoxas, que suscitem uma discussão, livre, descomplexada, descomprometida, pré-paradigmática e sem preconceitos sobre questões e temas "quentes" e controversos da actualidade... porque "*as mentes são como os pára-quedas, só funcionam se bem abertas*"!

"(…) *Uma pedrada no charco do pensamento dominante, numa altura em que os diversos populismos emergentes fazem verdadeiramente vacilar o mundo que habitamos.* (…)

(…) *Jorge Castela consegue um feito notável: vai ao âmago de assuntos extraordinariamente complexos de forma límpida e assertiva. Um verdadeiro tratado sobre o mundo em que vivemos.*(…)"

in Apresentação, por André Ventura

Prefácio

I. "*Brexit*": um ponto de viragem para a "União Europeia".

O mapa eleitoral do "*Brexit*" e o desmoronar da "União Europeia": Itália, Holanda, França e Alemanha – a resposta dos eleitores face ao "*Politburo* de Bruxelas". Nacionalismo vs. Europeísmo: as eleições europeias em 2017 (Holanda, França e Alemanha).

II. As Eleições Americanas de 2016.

O mapa eleitoral dos EUA e as propostas de Donald J. Trump: Política Fiscal; Investimento Público; Controlo de Fronteiras e combate à *imigração* ilegal; Política Externa (Proteccionismo *versus* Tratados de Comércio (NAFTA; T-TIP;…); Acordo nuclear com o Irão; Acordo com Cuba; Combate ao Terrorismo; Relações com a Rússia, com a China e com a NATO – o "Isolacionismo" face às Administrações Reagan, Bush e Obama/Clinton – os USA vistos da "Europa".

III. Algumas Glosas Marginais (breves, soltas e finais) em mote para reflexão livre (sobre Questões, Desafios e Ameaças que se colocam ao Mundo Contemporâneo):

- Como é possível acontecer o que aconteceu e está a acontecer em Aleppo?
- Como é possível que seja, no Ocidente, que se promova uma nova forma de Censura?
- Qual o papel dos "idiotas úteis", dos "charlatães do *Jihadismo*" e dos seus mentores, no "Keynesianismo" e no chamado "Marxismo Cultural", no combate à Liberdade de Expressão?
- As ameaças do Imperialismo Islâmico: Terrorismo, "*Hijrah*", "Califado Mundial" e *Sharia* (perspectivas sobre a Imigração ilegal e a política sobre "refugiados") – os perigos de uma 3.ª Guerra Mundial ou uma "Guerra de Civilizações"?
- Portugal: da "caranguejola" à "geringonça" – as contradições de um sistema político, económico e financeiro, em contraciclo?

www.vidaeconomica.pt

ISBN: 978-989-768-322-0

Visite-nos em
livraria.vidaeconomica.pt